

A formação superior como forma de acesso das mulheres ao mercado profissional do fotojornalismo¹

Agda AQUINO²

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB
Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

A pesquisa investiga como a formação superior influencia a participação feminina nesse campo, considerando a conjuntura de estudos de gênero no Brasil. O texto identifica a presença histórica das mulheres na fotografia, mas observa sua invisibilidade em registros e premiações. A pesquisa se aprofunda na realidade paraibana, revelando a baixa representatividade feminina no jornal A União. Apenas uma pequena porcentagem das fotografias é creditada a mulheres. As conclusões apontam que a formação superior pode inspirar as novas gerações, mas a falta de representatividade, a insegurança e os mitos persistem. A pesquisa sugere que a presença de mulheres na docência, referências femininas e a promoção de capacitação podem aumentar a inclusão feminina no fotojornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: ensino, fotojornalismo, gênero, mulher, mercado de trabalho.

INTRODUÇÃO

O trabalho trazido aqui traz apontamentos sobre o papel que a formação superior exerce no ingresso de mulheres à função de fotojornalista. A pergunta que norteia este estudo especificamente é qual o papel que a formação superior desempenha na entrada de mulheres no mercado fotojornalístico? Damos ênfase ao que encontramos em pesquisas recentes no mercado jornalístico da Paraíba, mas que podem servir de inspiração para ampliar esse diagnóstico para outros estados do país. Temos consciência de que esta é uma pesquisa inicial que visa lançar luz à questão proposta e apontar para possibilidades de pesquisa que detalhem a realidade vivida pelas mulheres que ocupam o espaço profissional do fotojornalismo no Brasil.

O mergulho neste tema está em sintonia com o momento atual da pesquisa brasileira, que apesar de ter poucas reflexões sobre as mulheres fotojornalistas, experimenta um movimento forte de se debruçar nos estudos de gênero. “Vivemos um momento inédito no Brasil no que diz respeito aos estudos de gênero e de mulheres. É

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Fotografia do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Jornalista com Doutorado em Educação. Professora de fotojornalismo da UEPB e da UFPB, email: profagdaaquino@gmail.com

possível encontrar, em todas as áreas do conhecimento, um crescimento nunca visto antes em pesquisas com tais recortes e abordagens” (TEDESCO, 2021, p. 11).

Valle (2017) explica que as mulheres sempre atuaram no fazer fotográfico, seja como assistentes ou mesmo fotógrafas, muitas vezes sem levar o crédito por seu trabalho. Sobre esse mesmo tema, em um debate sobre a mulher na fotografia, em 1981, no Museu da Imagem e do Som em São Paulo, a fotógrafa, curadora e crítica de fotografia Stefania Brill enfatizou o brilhantismo das imagens fotográficas feitas por elas ao longo do tempo. “O trabalho das mulheres é brilhante. Desde o advento da fotografia a mulher atuou em todos os campos da fotografia”.³ Mas a obra de Kossoy (2002) demonstra como as mulheres foram invisibilizadas desde o início da atuação profissional em fotografia no país: entre centenas de verbetes sobre fotógrafos que atuaram no Brasil no período de 1833 a 1910, há somente oito mulheres listadas. Uma delas atuou na Paraíba de 1890 a 1899, Roza Augusta, no seu atelier chamado “Photographia Minerva”. Em anúncio no Jornal “O Parahybano”, de 5 de abril de 1892⁴, ela vende seu trabalho:

Acha-se bem montada esta Photographia. Caprichosamente preparada para executar todo e qualquer trabalho photographico com a devida nitidez e brevidade; como seja: simples, porcellana e esmaltado. Trabalha-se das 10 horas às 3 da tarde, devido a boa luz do atelier. Encarrega-se de retratos a crayon. Também tira-se em domicilio.

Porém o caminho para as mulheres protagonizarem no exercício do fotojornalismo seria mais longo, como visto no tópico a seguir.

O papel da formação superior no exercício do fotojornalismo

Jorge Pedro Sousa (2002) destaca que o fotojornalismo passa por etapas ou revoluções ao longo da história, e a primeira delas teria sido no período do pós-guerra. Com o avanço tecnológico que proporcionou câmeras mais ágeis e compactas, além de melhor qualidade de impressão, o fotojornalismo “de autor” ganhou força e consagrou alguns de seus parâmetros de linguagem. Neste período, até 1950, o Brasil viveu uma efervescência de propostas pedagógicas para o ensino de jornalismo: cursos de curta duração, por correspondência, promovidos por entidades de classe ou mesmo grupo de padres católicos ou de mulheres. Todos eles continham conteúdos voltados à fotografia,

³ Disponível em: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/?p=26902>. Acesso em 01 de julho de 2023.

⁴ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=758612&pagfis=184>. Acesso em 01 de julho de 2023.

pois esta já era compreendida como parte do fazer jornalístico: a exceção das últimas duas, que davam ênfase em suas propostas a temas mais específicos em vez de uma formação geral (AQUINO, 2021a).

Em 1950 o país passa a ter, formalmente, os cursos superiores de Jornalismo, vinculados às Faculdades de Filosofia, sempre com o ensino de fotojornalismo incluso, fato que se repete até hoje. Em 1969, mesmo com a mudança das propostas pedagógicas para o ensino da área, impostas pelo governo militar ditatorial, com a criação do curso de Comunicação Social e suas diversas habilitações, a fotografia se fez presente (AQUINO, 2021b). Fato intrigante desse período diz respeito à obrigatoriedade do diploma superior para o exercício do jornalismo, que vigorou no país durante 40 anos (de 1969 a 2009), mas que nunca teve validade legal para a função de repórter-fotográfico (AQUINO, 2021c). Isso proporcionou um atraso na inserção das mulheres nessa categoria do jornalismo profissional, já que a maioria dos fotógrafos/fotojornalistas homens ocupavam o mercado de trabalho ainda na juventude, muitas vezes na adolescência. Só após gerações de formados em cursos superiores começamos a ver com mais ênfase mulheres recebendo os méritos por seus trabalhos como fotojornalistas. Podemos citar, a título de ilustração, três fotojornalistas proeminentes da mesma geração: Evandro Teixeira, nascido em 1935, que começou a trabalhar como fotógrafo aos 15 anos e com menos de 30 já era uma referência no fotojornalismo brasileiro; Orlando Brito, nascido em 1950, que começou a fotografar na adolescência e que nos anos 1960, antes mesmo de completar 20 anos, já era um profissional consagrado no meio fotojornalístico brasileiro; e Nair Benedicto, nascida em 1940, que se formou no curso superior de Rádio e Televisão da USP em 1972 e só depois disso iniciou sua carreira no fotojornalismo, aos 32 anos. A chancela da formação em nível universitário abriu possibilidades para sua atuação no campo.

Não temos dados precisos sobre a representatividade feminina no fotojornalismo brasileiro, mas algumas informações existentes podem nos ajudar a compreender o contexto do jornalismo hoje no mundo e no país. Em pesquisa realizada pelo Instituto Reuters para Estudos de Jornalismo, publicada em 2022⁵, que examinou a situação de gênero em 240 redações dos principais veículos de 12 países, apenas 21% dos cargos de chefia são de mulheres, apesar de serem 40% em média da força de trabalho. Em algumas empresas, os profissionais ingressantes são majoritariamente mulheres, só que

⁵ Disponível em: <https://encurtador.com.br/ptMV5>. Acesso em 28 de junho de 2023.

isso não se reflete nos cargos de chefia, na ocupação de espaços de protagonismo, em salários equiparados ou mesmo na atuação em atividades como a de fotojornalista. Segundo a mesma pesquisa, a situação do Brasil é ainda pior: apenas 7% dos cargos de chefia são ocupados por mulheres.

A compreensão de que a atuação como fotojornalista não é um espaço receptivo para as mulheres vem de longa data e consegue ser identificado também em premiações de concursos e equipes de fotojornalismo de grandes agências. Em texto de Ana Carolina Abreu Amaral, publicado no site da AgênciaUva⁶, a autora destaca que existe uma luta constante de mulheres fotojornalistas para ocupar novos espaços e reescrever os discursos visuais consolidados por homens ao longo das décadas.

A desigualdade de gênero no fotojornalismo é latente e impacta a construção histórico-social-cultural das sociedades. Uma pesquisa da Women Photograph (WP), plataforma online que objetiva dar visibilidade a mulheres e jornalistas visuais não binários, comprova que há uma acentuada desigualdade de gênero nas agências de notícias globais, sendo inferior a 10% a representatividade feminina nesses espaços.

Um dos caminhos possíveis para se ingressar no mercado profissional de fotojornalismo é a formação superior, porém não o único. Em artigo publicado na Revista Âncora (AQUINO, 2021a), esta autora explana que o registro profissional na área, mesmo que não obrigatório para o exercício da função,

[...] costuma ser concedido ao profissional através dos Sindicados dos Jornalistas Profissionais de cada estado/região do país, exigindo para isso, muitas vezes, apenas a apresentação de um de Portfólio Fotojornalístico e, em algumas situações, a realização de uma Pauta de Avaliação (AQUINO, 2021a, p. 35).

A profissão de repórter fotográfico ou fotojornalista é definida pelo Código Brasileiro de Ocupações, que explana a sua atuação na produção da informação visual no contexto jornalístico. Sobre a formação e a experiência exigidas para a atuação enquanto fotojornalista, o site do Ministério do Trabalho e Emprego diz:

O aprendizado das ocupações da família pode se dar na prática e também por intermédio do ensino superior completo na área, conforme a ocupação em questão. O pleno desempenho das atividades ocorre, no mínimo, após três anos de experiência (MTE, 2020, s/p).

⁶ Disponível em: <https://agenciauva.net/2022/07/12/elas-resistem-os-desafios-enfrentados-por-mulheres-fotojornalistas-no-brasil/>. Acesso em 01 de julho de 2023.

Ou seja, a normativa inclui a formação superior como opção, mas deixa claro que esse pode ser também um conhecimento passado em família e que só pode se desenvolver plenamente após três anos de experiência, o que demonstra uma compreensão limitada da atuação profissional.

Pesquisas do IBGE⁷ mostram que 57% das vagas das universidades brasileiras são ocupadas por mulheres. Esse percentual é maior em áreas da saúde como enfermagem, nutrição e psicologia, bem como em licenciaturas e nas humanidades em geral. Um relatório da *Education at Glance* de 2019⁸, que faz uma espécie de raio-x da educação, mostra que no Brasil a empregabilidade de mulheres com ensino superior completo é bem maior do que aquelas sem formação específica (82% e 45% respectivamente). Já entre os homens a diferença é menor, mostrando que a formação superior não é tão impactante para eles quanto é para elas no que se refere à ocupação do mercado de trabalho (89% e 76% respectivamente).

Um estudo de Barreto (2014) sobre a distribuição e a representatividade da mulher no ensino superior brasileiro mostrou que o bacharelado em jornalismo é cursado principalmente por mulheres, somando, em média, 65% dos discentes. A pesquisa que traçou o perfil do jornalista brasileiro (MICK; LIMA, 2013) afirma que a categoria profissional é formada predominantemente por mulheres jovens e brancas. 63,7% dos jornalistas em atuação hoje no mercado são mulheres, cabendo o questionamento sobre essa representatividade também estar ou não espelhada nos profissionais que criam as imagens fotojornalísticas, item que não foi abordado na pesquisa.

Valle (2017) explica que a questão de gênero é muito importante para pensar a mulher no universo da fotografia, pois esse espaço foi ocupado apenas através de estratégias feministas que permitiram que elas se colocassem num papel ativo na criação de imagens: “Ao invés de serem fetiches ou objetos passivos submetidos aos desejos e olhares dos homens, podemos produzir outros discursos sobre nós mesmas e sobre os outros” (VALLE, 2017, p. 114). A autora reflete sobre as questões que historicamente deixaram a mulher à margem do protagonismo da fotografia, como a dificuldade de acesso aos espaços públicos, à rua. Outro ponto importante que a autora aponta são as dificuldades socialmente impostas para as mulheres ao acesso à tecnologia,

⁷ Disponível em <https://blog.anhanguera.com/mulheres-no-ensino-superior/>. Acesso em 05 de maio de 2023.

⁸ Idem.

tradicionalmente direcionada aos homens, bem como o acesso à educação formal, em nível básico e especializado.

Valle (2017) explica também que antes das faculdades formarem jornalistas (e fotojornalistas), os repórteres fotográficos eram essencialmente homens, a grande maioria sem curso superior, dotados de domínio técnico da produção fotográfica. Foi o acesso à universidade, especialmente nos cursos de Comunicação Social e suas opções de habilitação (em vigor de 1969 a 2013), que deu às mulheres maiores possibilidades de ocuparem o mercado profissional de fotografia. “[...] foi a partir da própria entrada de mulheres universitárias nas editorias de fotografia dos jornais, que os homens oriundos das universidades também passaram a ocupar esses espaços (de forma mais lenta, devido à não necessidade desta formação como pré-requisito para eles)” (VALLE, 2017, p. 212).

Tedesco (2022)⁹, em sua longa trajetória de pesquisa sobre as mulheres no campo da direção de fotografia no mercado audiovisual, traz o que chamados aqui de alguns dos mitos fundadores relacionadas ao campo profissional da fotografia, especialmente no Brasil. A autora explana que é comum aparecer o discurso de que a fotografia é um “serviço pesado”, que tem que ter preparo físico e “ser homem” para isso. O lugar das mulheres nesse campo é muitas vezes deslocado para as funções de assistente. “[...]esse preconceito velado, socialmente construído, de que trabalhos com aspecto braçal são estritamente masculinos, torna turva para muita gente a fronteira entre “gentileza” e “machismo”¹⁰. Além disso, a autora pontua que quando elas conseguem alcançar o mesmo espaço, recebem salários mais baixos ou, ainda, fazem mais trabalhos voluntários. As mulheres também são “acusadas” de chamarem mais a atenção, inclusive com as roupas que vestem, o que “atrapalharia” os homens que trabalham no mesmo ambiente. No texto, Tedesco traz uma reflexão sobre o argumento que muitos usam para defender o espaço dos homens no campo da fotografia, o chamado “domínio da técnica”, ao qual eles recorrem por vezes em situações em que o argumento é conveniente para manutenção de seus privilégios:

⁹ Entrevista concedida a Ana Carolina Abreu Amaral da Agência UVA. Texto publicado em 12 de julho de 2022, com o título: **Elas resistem: os desafios enfrentados por mulheres fotojornalistas no Brasil** - Fotógrafas relatam suas vivências, atravessadas por questões de gênero, no campo do fotojornalismo nacional. Disponível em: <https://agenciauva.net/2022/07/12/elas-resistem-os-desafios-enfrentados-por-mulheres-fotojornalistas-no-brasil/>. Acesso em 02 de julho de 2023.

¹⁰ Idem.

A fotografia é muito ambivalente nessa relação entre técnica e criação artística. Nenhum diretor de fotografia vai se posicionar como técnica pura e simplesmente. Ao mesmo tempo, quando a gente começa a problematizar esse tipo de coisa ligado a gênero e raça, muitas pessoas se escondem atrás da técnica, como se a técnica fosse descolada da sociedade que a produziu. Acho que o fato de a função exigir atualização tecnológica e ter essa parte física faz com que facilmente essa questão da técnica passe para um primeiro plano nos momentos em que, ao invés de legitimação, vira uma questão de contestação do poder estabelecido.

Outra dificuldade é a baixa representatividade feminina na autoria dos materiais teóricos e mesmo dos registros mostrados em sala de aula, quase sempre fotografados por homens. “É necessária a criação de um quadro mais amplo de referências. Trata-se de insistir nos programas das disciplinas para trazer exemplos de mulheres agindo, em diversas funções, como uma possibilidade. É um trabalho individual, de cada professora, porque a gente também não aprendeu dessa maneira”. (COSTA, 2022)¹¹. “Quando todas as referências de fotógrafos são masculinas, você começa a se questionar: ‘se nenhuma mulher chegou lá, como eu vou chegar?’” (BASEGGIO, 2022)¹².

A presença de mulheres na docência de fotografia também serve como inspiração e demonstração para as novas gerações de que é possível estar nesses lugares de maneira profissional. Além disso, o ambiente universitário pode ser um espaço para desconstrução dos mitos que limitam a inserção e permanência delas no mercado fotojornalístico: as já citadas ideias equivocadas de que o exercício profissional do fotojornalismo seria pesado demais para a mulher, especialmente fisicamente; de que elas atrapalhariam os outros profissionais (homens) por chamar atenção com seus corpos e suas vestes; a de que elas teriam mais dificuldade no manejo técnico e tecnológico dos equipamentos; além da desconstrução de ideias como o “olhar feminino”, um conceito segregador e que coloca a produção fotográfica da mulher em um mercado “de nicho”, promovendo uma ideia limitante de que existe uma homogeneidade estética nas fotografias realizadas por elas.

¹¹ Entrevista concedida a Ana Carolina Abreu Amaral da Agência UVA. Texto publicado em 12 de julho de 2022, com o título: **Elas resistem: os desafios enfrentados por mulheres fotôgrafas no Brasil** - Fotógrafas relatam suas vivências, atravessadas por questões de gênero, no campo do fotojornalismo nacional. Disponível em: <https://agenciauva.net/2022/07/12/elas-resistem-os-desafios-enfrentados-por-mulheres-fotojornalistas-no-brasil/>. Acesso em 02 de julho de 2023.

¹² Idem.

Mulheres no fotojornalismo paraibano

As pesquisas de Lira (1997) e Matias (2016) deixam claro que as mulheres sempre ocuparam espaço na fotografia documental e no fotojornalismo paraibano, mesmo que em menor número que os homens. Porém dados específicos e documentos confiáveis são difíceis de serem encontrados, mesmo analisando a conjuntura atual. As redações locais de hoje não têm fotojornalistas contratados, muitas vezes sequer creditam as fotos de maneira adequada. O Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba não tem documentação dos profissionais de fotojornalismo registrados no Estado, os arquivos se perderam ao longo do tempo.

Partimos então para um diagnóstico do único jornal impresso em funcionamento hoje na Paraíba, o jornal estatal A União.¹³ Em artigo apresentado no Intercom Nordeste de 2023, investigamos a representatividade feminina no fotojornalismo de oito edições do jornal através dos créditos das imagens (AQUINO & RIBEIRO, 2023). O *corpus* foi composto por quatro edições de 2013 e quatro de 2023, na expectativa de abranger diferentes temporalidades e relações trabalhistas, comparando possíveis mudanças. O resultado não nos causou surpresa, mas abriu o leque para diversas reflexões, entre elas a apontada aqui: a formação superior como mecanismo social para as mulheres alcançarem o espaço de trabalho na função de fotojornalista.

Ao total foram identificadas 593 fotos nas oito edições analisadas. Destas, apenas 169 tiveram os autores creditados junto às imagens de suas autorias. As outras 424 fotografias foram creditadas com termos como “divulgação”, “reprodução”, “arquivo” e “cortesia”, por exemplo. De todas as fotos identificadas com o crédito de quem fotografou, 157 são assinadas por homens e 12 por mulheres. Se levarmos em conta todas as fotos publicadas, aquelas assinadas por mulheres representam apenas 2% do material imagético do jornal. Quando analisamos apenas as que foram creditadas pela publicação nos exemplares analisados, esse percentual é de 7,6%.

Com essas 12 imagens, levantamos os nomes de seis fotógrafas e conseguimos entrar em contato com cinco delas, com o objetivo de traçar um perfil dessas poucas mulheres e procurar entender como elas ocuparam esse espaço tão restrito. Apenas três responderam às nossas entrevistas semiestruturadas, de onde retiramos dados importantes para análise: 1 - todas as fotógrafas identificadas possuem curso superior, a

¹³ Disponível em: <https://auniao.pb.gov.br/>. Acesso em 10 de julho de 2023.

maioria na área de Comunicação (Jornalismo/Publicidade e Propaganda); 2 – apesar de todas publicarem fotografias de suas autorias com certa periodicidade em jornais e portais de cunho jornalístico, nenhuma se considera fotojornalista, compreendem que ocupam esse lugar por força do ofício em outra área, como reportagem, assessoria de imprensa e fotografia publicitária; 3 – apenas uma se considera fotógrafa; 4 – nenhuma delas recebeu remuneração pela publicação de suas fotografias no jornal.

A partir desses achados de pesquisa, nos aprofundamos em cada uma das questões que norteiam esse acesso, ocupação e permanência das mulheres na atuação fotojornalística. O fato de todas terem formação superior se destaca entre elas como sendo um dos modos de ocupação desse lugar profissional, especialmente tendo em vista as reflexões contemporâneas sobre a relação da formação superior e acesso das mulheres ao mercado de trabalho. Nenhuma delas se considerar fotojornalista ou ter recebido por seu trabalho fotográfico pode ser um indício da baixa representatividade feminina no mercado fotojornalístico paraibano e no desestímulo baseado na sociedade patriarcal que cria mitos que abalam a autoestima profissional dessas mulheres. Todas essas hipóteses estão agora servindo como norteadoras dos próximos passos desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação superior cumpre um papel de mostrar para as novas gerações que o fotojornalismo pode ser sim um campo de atuação para elas, principalmente quando contam com representatividade feminina na docência da área, inclusão de referências femininas no campo teórico e prático, promovendo a capacitação dessas mulheres e conscientizando os profissionais e o mercado de que é preciso promover ações duradouras de inclusão feminina nesse campo. A queda da obrigatoriedade do diploma para o exercício do jornalismo, ocorrida em 2009, pode ter proporcionado também uma busca, por parte das empresas de comunicação, de profissionais mais capacitados. Já que não havia mais a reserva de mercado, ficou a cargo das empresas fazerem essa escolha. É possível que, pela primeira vez, isso tenha se refletido também na atuação fotojornalística no Brasil, abrindo mais possibilidades para elas em grupos específicos da atuação jornalística, a exemplo do jornalismo fotográfico.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Agda; Lara RIBEIRO. **Mulheres no Fotojornalismo**: Análise do Jornal A União. In: 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande/PB – 20 a 22/06/2023. Anais [...] Campina Grande/PB, 2023.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de Aquino. **A fotografia no discurso sobre o ensino de jornalismo no Brasil na primeira metade do século XX**. Research, Society and Development, v. 10, n. 8, e18910817282, 2021^a. Disponível em:
<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwi8ksDb-9-AAxWCqJUCHS4eC4IQFn0ECBMQAQ&url=https%3A%2F%2Frsdjournal.org%2Findex.php%2Frsd%2Farticle%2Fdownload%2F17282%2F15374%2F219369&usg=AOvVaw2Rjh-v36xpQVsqCINKGnh8&opi=89978449>. Acesso em julho de 2023.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **FOTOJORNALISTA**: o profissional marginalizado na legislação jornalística brasileira. ÂNCORA – Revista Latino-americana de Jornalismo, João Pessoa, v. 8, n. 1, p. 32-49, jan/jun 2021. 2021b. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/58110/34067> Acesso em 10 de julho de 2022.

AQUINO, Agda Patrícia Pontes de. **Uma arqueologia do discurso sobre o ensino de fotografia no bacharelado em jornalismo no Brasil**: o *status* marginal do fotojornalismo, 2021. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2021c. Disponível em:
file:///C:/Users/AGDAAQ~1/AppData/Local/Temp/MicrosoftEdgeDownloads/422e5f25-c49d-446f-93c0-e3f06c5b2ced/AgdaPatriciaPontesDeAquino_Tese.pdf. Acesso em julho de 2023.

BARRETO, Andrea. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. In: **Cadernos do GEA**, n. 6, jul./dez. 2014. Rio de Janeiro: FLASCO,
https://flasco.org.br/files/2016/04/caderno_gea_n6_digitalfinal.pdf. Acesso em 17 de julho de 2021.

KOSSOY, Boris. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro**: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

LIRA, Bertrand de Souza. **Fotografia na Paraíba**: um inventário dos fotógrafos através do retrato (1850/1950). João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

MATIAS, Paulo. **Fotojornalismo em Campina Grande/PB**: mapeamento de relatos e imagens de 1960 a 2012, 2016. 454 f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

MTE – MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Classificação Brasileira de Ocupação: **Repórter Fotógrafo**. 2020b. Disponível em:
<https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/261820-reporter-fotografico>. Acesso em: 11 jun. 2020.

TEDESCO, Marina Cavalcanti (Org.) **Trabalhadoras do cinema brasileiro: mulheres muito além da direção.** Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021.

VALLE, Isabella Chianca Bessa Ribeiro do. **Mulheres fotógrafas: resistências, enfrentamentos e as redes de (in)visibilidade no contexto do Recife.** Tese. 2017. (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal de Pernambuco, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/31874>. Acesso em dezembro de 2020.